

Greimas e a linguística

RASTIER, François, CNRS-INALCO, Paris

Tradução do original
Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista
UFPB/CNPq/PPGL
Revisão:
RASTIER, François, CNRS-INALCO, Paris

Parafrazeando Lacan, poderíamos afirmar que não há semiótica, no sentido de que não há pequenas economias; em outras palavras, a semiótica estaria em todos os lugares onde se encontram as ciências da cultura. Mas estaria ela na linguística? Definir a linguística como a semiótica das línguas impõe revisões drásticas, em primeiro lugar, aquela da tradição logico-gramatical que se edificou sobre uma semiótica restrita, geralmente implícita e que permaneceu sumária.

Sobre este aspecto, a história intelectual de Greimas é muito reveladora, a julgar pelas questões que ela desperta. Como o linguista Greimas se tornou um semioticista? Se, algumas vezes, ele parece um desertor, por que ele não pode ser considerado um renegado? Finalmente, se a semiótica, pelo menos na tradição saussuriana da qual Greimas se desvinculou, foi uma extensão da linguística, qual é ou deveria ser sua ação de volta a esta disciplina?

1. A obra e o *corpus* de Greimas

Sem estar despedaçada, a obra de Greimas foi dividida em fluxos distintos, cada um dos quais sofreu transformações. Também ela é empestada para leituras parciais, o que explica a amostragem. Por exemplo, na Itália, disse-me um eminente semioticista italiano, começamos com *Du sens* (*Semântica estrutural* é considerada demasiado técnica e também linguística) e acabamos com *De l'imperfection*. Este tópico poderia ser expandido, porque, na variedade do *corpus*, cada um parece fazer sua escolha como quiser.

No entanto, a principal comunidade acadêmica continua a ser a de semióticos e os linguistas vêm a seguir. Esta recepção desigual não permite a postulação de dois Greimas, o linguista e o semioticista, porque então seria necessário reconhecer ou inventar muitos outros: é melhor tentar restaurar a unidade de sua carreira e as contradições que ele deixa transparecer.

A recente publicação de *Le sens en exil*¹ completa, oportunamente, o *corpus* disponível, sobretudo pelas diretrizes especificadas nas entrevistas que foram realizadas em lituano e traduzidas para o francês pela primeira vez. Como não podemos mais nos satisfazer com mencionar o seu projeto semiótico em geral, uma objetivação do *corpus* gremasiano permanece necessária, em primeiro lugar para estabelecê-lo em seus diferentes gêneros, graduar seus graus de autenticidade e assim por diante. A digitalização seria bem-vinda, especialmente porque Greimas é um dos precursores teóricos da *linguística do corpus*.

Uma razão complementar poderia favorecer o trabalho de luto: uma vez que se trata de uma pessoa que se tornou objeto de projeção coletiva, como testemunha o vídeo Mehr Licht, que recolhe hoje muitos depoimentos comemorativos, a obra chama a estudos filológicos e hermenêuticos - e, claro, linguísticos e semióticos.

2. Greimas «antes de Greimas»

Homem de paixão, ficou entusiasmado com a lexicologia desde sua primeira pesquisa sobre substratos celtas nos topônimos de Grésivaudan, depois em sua tese sobre o vocabulário da moda em 1830 (defendida em 1948). Na década de 1945-1955, Greimas é, assim, um lexicólogo militante: por exemplo, lendo o rascunho da tese de Barthes sobre Michelet, ele o convida a converter este trabalho em um estudo lexicológico.

Com Georges Matoré, ele publicou *La méthode en lexicologie* (em dois volumes, 1948-1950), um livro ambicioso que, há muito, foi referência e que pretendia restaurar o vocabulário de toda uma cultura. Existem, por exemplo, redes semânticas bastante apresentáveis, quinze anos antes das primeiras redes de inteligência artificial.

Ele aprofundou essas pesquisas lexicológicas, em seus escritos, em corpos informatizados que contribuíram para o projeto *Tesouro da língua francesa* (1962): no capítulo inaugural da *Semântica estrutural* (especialmente na análise da palavra *tête*); em seu *Dictionnaire de l'ancien français jusqu'au milieu du XIV siècle*, (1968); no artigo "Semiótica" da *Encyclopédia Larousse* (1974); em *Sémiotique: un dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (com Joseph Courtès, 1979). Enfim, Seu último livro não é senão o *Dictionnaire du moyen français* (com Teresa Mary Keane, 1992).

Assim, o estudo do léxico, tanto para a lexicologia quanto para a lexicografia que deriva daquela, foi a principal constante de sua vida científica. Esse fato até

¹ Lambert-Lucas, Limoges, 2107.

modelou a apresentação e, provavelmente, a elaboração da própria teoria semiótica. O questionamento crítico de Ricoeur a propósito do *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, «*pourquoi un dictionnaire?*» poderia assim, encontrar o esboço de uma resposta. Na verdade, para Greimas, a semiótica é uma metalinguagem, constituída por uma terminologia própria, cuja circularidade virtuosa do dicionário assegura uma espécie de coerência, ao mesmo tempo em que assume uma função didática.

Pela continuidade e abundância, os trabalhos de Greimas sobre o léxico constituem, pelo menos, quantitativamente, a essência de sua obra, o que nos obriga a especificar, até mesmo, a revisar sua imagem mais notória.

Como se passa do léxico para a teoria do texto e então para uma semiótica geral ou mesmo universal? Três evoluções convergentes parecem tê-lo permitido.

a) A ambição pela tradição saussuriana que Greimas se reivindica vai muito além do léxico. Em *L'actualité du saussurisme*, um dos seus textos programáticos mais bem sucedidos, foi escrito em 1956, quarenta anos após a morte de Saussure:

"Se a reconciliação da linguística - estrutural e histórica - é possível, é precisamente, no campo da pesquisa que visa explorar a dimensão histórica do espaço linguístico que ela se produzirá. [...] Por outro lado, começamos a entender, desde o estudo luminoso de R. Jakobson, como a estrutura linguística pode ser compreendida no seu desenvolvimento histórico: basta para isto, flexibilizar a concepção muito mecanizada da forma linguística e introduzir, no lugar do postulado do equilíbrio estrutural, a noção mais maleável de "tendência ao equilíbrio", ou melhor diríamos, de "tendência ao desequilíbrio." O progresso histórico sempre consiste na criação de novas estruturas disfuncionais.

A interpenetração de métodos estruturais e históricos é, além disso, mais avançada do que se pensa comumente e linguistas "historiadores" como Benveniste ou Wartburg parecem ser, em algumas de suas análises, mais fiéis ao espírito, senão à letra, de F. de Saussure que um intransigente "sincronista" como o é, por exemplo, J. Vendryès. Um exame metodológico mais acurado, que se enquadra em estruturas epistemológicas mais gerais, requer a colaboração de duas famílias de linguistas. Seria suficiente que a linguística estrutural aceitasse, como ponto de partida, a necessidade de entender o tornar-se histórico da língua; que os linguistas historiadores renunciassem o seu viés e reconhecessem a utilidade do instrumento metodológico forjado pelo estruturalismo. Uma linguística enriquecida, estrutural e histórica ao mesmo tempo, emergiria, justificando assim seu lugar na vanguarda das ciências do homem.²

Aqui, Greimas se situa, claramente, na tradição da linguística histórica e comparativa: longe de ser considerado sincronista ou anti-historicista, o estruturalismo se torna o órgão para descrever as evoluções históricas. Embora a dualidade entre

² *Le français moderne*, (1956, n°24, p. 191-203). No primeiro número dos *Cahiers de lexicologie* (1959) Greimas vai, igualmente, conciliar, em «estreita colaboração», os pontos de vista dos «diacronistas historiadores» e «dos sincronistas estruturalistas».

sincronia e diacronia permaneça fundamental para todas as ciências da cultura, esta lição foi, no entanto, esquecida, especialmente na semiótica, mesmo a gremasiana.

b) A linguística histórica e comparativa pode desenvolver-se ao participar da descrição das culturas e *Du sens em exil* revela o que Greimas sem dúvida concebeu como sua verdadeira missão, quase heroica, mas passou despercebida na França até a publicação de *Des dieux et des hommes*, em 1985:

"Foi necessário que eu conhecesse pessoas como Dumézil, para poder me interessar, digamos, cientificamente, se assim podemos chamar a esse fenômeno e realizar, digamos, o que prometi a Benveniste e a Dumézil, isto é, descrever a mitologia lituana porque, como é um povo indo-europeu, a mitologia lituana é comparável à mitologia grega, romana e irlandesa, para constituir a mitologia indo-europeia comparativa. Esta mitologia lhe parece fazer parte da "cultura nacional", através da qual, ele define a própria política que, segundo ele, tem a função de "promover a cultura nacional como um sistema de valores" (2017, op. cit. p. 139).

Este nacionalismo cultural não poderia ser qualificado como identitário porque permanece no quadro comparatista; não conseguiria surpreender um resistente, forçado a exilar-se de seu país que permaneceu ocupação até 1991 e onde foi apontado, por muito tempo, como um "linguista francês".

Os estudos sobre mitologia lituana, dos quais o público internacional só conhece uma parte, talvez tenham representado, para Greimas, o mesmo papel escondido que os *Nibelungen* para Saussure. Além disso, a linguística histórica e comparativa foi e permanece inseparável dos estudos de mitologia: por exemplo, Bréal fez sua tese sobre Hércules e Cacus.

Esta perspectiva revela o interesse constante de Greimas por antropologia e etnologia e, até mesmo, sua companhia com Lévi-Strauss — que o apoiou institucionalmente.

(c) Greimas confiou em uma entrevista: “Quando eu cheguei a sua casa, na Turquia, eu não era mais um lexicólogo, mas ainda não tinha um método muito seguro e achei que uma prática lexicológica seria útil”. Na verdade, essa torna possível fazer perguntas corretamente e até mesmo ir além da lexicologia. Durante a minha permanência na Turquia, continuei minhas reflexões sobre essa nova maneira de abordar os problemas de significado que, desde então, tornaram-se semânticos³. (Ele aparentemente se refere à *Semântica Estrutural*).

De fato, em meados da década de 1950, querendo formalizar o vocabulário artístico do século XVIII, Greimas encontrou obstáculos epistemológicos para definir

³ 2017, op. cit., p. 36

campos semânticos, de modo que, em 1971, ele disse sem rodeios: «a lexicologia não pode ser validada e [...] devemos jogá-la no lixo da história para mudar para a semântica»⁴. Este rancor estava indo, como vamos observar, favorecer uma extensão de sua pesquisa.

d) Greimas fará uma transição para os textos, colaborando com dois lexicólogos e lexicógrafos amigos, Pierre Guiraud e Bernard Quemada. Este último funda em 1956, em Besançon, um Centro para o Estudo do Vocabulário francês (CEVF), depois dirige, em Nancy, o Instituto Nacional da língua francesa que, para elaborar um dicionário de referência, o Tesouro da língua francesa; coleta e explora um *corpus* de textos computadorizados.

Greimas concretiza, então, suas reflexões neste projeto de engenharia linguística, notadamente naquilo que diz respeito à recuperação e análise refinada das unidades semânticas. Todavia, esta empreitada ultrapassa, segundo ele, a lexicologia e se propõe a fazer “a descrição completa de uma grande civilização na totalidade de seus signos linguísticos e em sua história”⁵.

Assim, desde o final dos anos 1950, Greimas teria sido um dos pioneiros da linguística do *corpus*, encontrando nos textos uma conciliação entre seu projeto lexicológico e sua ambição culturalista.

3. A semântica geral como projeto semiótico

3.1 Semântica estrutural como “prova principal”

Em seu livro mais importante, Greimas erradicou o dragão morfossintático e recusou a gramática. A obra retoma, se não o programa, pelo menos o título do estudo de Hjelmslev, *Pour une sémantique structurale* (1957) e dá conta dos trabalhos sobre *corpus* (em Guiraud) da análise sêmica desenvolvida para a tradução automática por Pottier desde 1962, enfim do estruturalismo de Lévi-Strauss que preside sua releitura de Propp. Acima de tudo, Greimas aí ultrapassa a semântica lexical por um duplo movimento: sob o léxico, ele analisa em semas os conteúdos dos morfemas lexicais ou gramaticais; além disso, ele sistematiza uma análise narrativa e temática dos textos. O

⁴ *Sémiotique en jeu : À partir et autour de l'oeuvre d'A.J. Greimas*, publicada por Michel Arrivé, Jean-Claude Coquet, La Haye, Benjamins, 1991, p. 325

⁵ Greimas, Les problèmes de la description mécanographique, Cahiers de lexicologie n° 1, Faculté des Lettres de Besançon, 1959, p. 47-75 ; ici p. 50.

conceito original de isotopia reúne o antes e o depois das palavras, definindo as unidades microssemânticas que permitem dar conta dos fenômenos textuais.

Hjelmslev, desde 1943 havia teorizado a unidade em todos os níveis de complexidade linguística suscetíveis de uma descrição homogênea. Concretizando este programa, no curso da semântica estrutural, Greimas vai assim da semântica lexical em direção à semântica textual. Enquanto a semântica estrutural européia permanecia, em essência, uma semântica lexical, esta obra permite religá-la a uma teoria do texto. Partindo de uma lexicologia componencial, o percurso seguido por Greimas conduz da palavra (neste caso, *cabeça*), à teoria da isotopia e enfim, à análise narrativa, depois temática (do ponto de vista de Bernanos). Certamente as ligações permanecem até certo ponto problemáticas, como a coerência do conjunto que aparenta, em muitos aspectos, uma coleção de artigos, mas o programa permanece estimulante ⁶.

3.2 A Semiótica textual

De fato, neste período, a extensão da semiótica fora das línguas e da linguagem permanecia discreta. Greimas dirige, em 1968, um número de *Languages* sobre a gestualidade, mas é necessário esperar muito tempo para que ele evoque a música numa entrevista e que apareçam os dois breves artigos que ele consagrou à imagem⁷.

Também, a semiótica gremasiana iria conhecer seus maiores sucessos no domínio de análise dos textos literários (já privilegiados em *Semântica Estrutural* com a obra de Tahsin Yücel sobre Bernanos)⁸. Enfim, em 1975, o *Maupassant. La Sémiotique Du texte* marca o auge de seus trabalhos em semiótica textual. Não apenas ele respondia ali ao *S/Z* de Barthes, aparecido três anos antes e que ele também consagrou a uma novela literária (o *Sarrazine* de Balzac), como ele deplorava os instrumentos analíticos expostos em *Sémantique interprétative*. A partir de uma reflexão sobre o léxico, ele tinha por um lado, transposto, generalizado e estendido à noção de acordo sintático entre gramemas para transportá-lo para o acordo semântico entre lexemas, acordos, ou melhor, recorrências optativas que podem se estender bem além da frase. Além disso, também observou que os sememas continham, em suma, pequenas narrativas mesmo que, em seus lugares, estivessem actanciais insaturados. Assim, por extensão, a partir do

⁶ Pensando que eu estivesse prosseguindo o programa da semântica estrutural, alguns consideraram que eu era mais gremasiano que Greimas. Esta crítica sempre me pareceu um cumprimento.

⁷ «Sémiotique figurative et sémiotique plastique» (*Actes Sémiotiques*, VI, n° 60, 1984) et «Cranach : la beauté de la femme» (avec T. Keane Greimas, *Eutopias*, n°26, 1993).

⁸ Referimo-nos à aparição dos livros coletivos: *Essais de sémiotique poétique* (Paris, Larousse, 1972) e *Essais de sémiotique narrative et textuelle* (dirigés par Claude Chabrol, Paris, Larousse, 1973).

léxico, ele proporcionou os meios para distinguir entre aquilo que nós chamaríamos hoje formas e fundos semânticos.

A integração da estilística com a linguística tinha sido programada ou mesmo constatada por Saussure em seu discurso por ocasião da criação da cadeira de estilística de Charles Bally. Greimas vai mais longe quando afirma que a “crítica literária [...] se transforma em linguística” (2017, op. cit., p.153) e vai, mais longe ainda, quando afirma: “A favor de uma oportunidade inacreditável, a crítica da arte e da literatura descobre (que) seu objeto é a língua e seu método, a linguística” (Ibid., p.155, texto redigido em 1956-57, mas surgido em 1991).

Estas realizações iriam cair em um esquecimento relativo. Por uma parte, o desconstrucionismo florescente nos estudos literários desviaram-nas de qualquer projeto de objetividade. Por outro lado, tanto a gramática gerativa, como a análise do discurso vilipendiavam, ritualmente, um estruturalismo fantasiado.

3.3 Uma semântica sem margens

Greimas, apoiando-se já em Merleau Ponty, afirmava desde 1956:

A originalidade da contribuição de F. de Saussure (que) reside, acreditamos, na transformação de uma visão de mundo que lhe foi peculiar e que consiste em reunir o mundo em uma vasta rede de relações, como uma arquitetura de formas carregadas de sentido, trazendo, elas próprias, suas significações em uma teoria e uma metodologia linguística. [...] Saussure soube aprovar o valor epistemológico de seu postulado, aplicando-o a uma ciência própria do homem, particularmente, a Linguística⁹.

De fato, pelo viés do conceito fenomenológico de mundo, estendido à humanidade, Greimas encampa um Saussure visto enfim por Merleau-Ponty, mais filósofo que linguista. A fórmula a *visão de mundo* chama a uma precisão: mais que de uma *Weltanschauung*, trata-se de uma preconcepção do real, uma “ontologia” das relações que rompe com todos os postulados da ontologia tradicional das substâncias. Ela revê, um alcance não apenas epistemológico, mas gnosiológico.

Greimas desenvolvia, desde longa data, uma concepção totalizante da linguagem que confere à linguística um lugar proeminente “[...] e Saussure poderia muito bem ter esboçado uma nova filosofia da história”. Esta proposta, um pouco enigmática de Merleau-Ponty sobre o grande linguista genovês implica, de sua parte, uma tomada de posição clara sobre o fenômeno da linguagem. Com efeito, aquele constitui o modo de

⁹ « L’actualité du saussurisme » (1956), in *La mode en 1830*, Paris, PUF, 2000, p. 372.

existência das superestruturas sociais — sistemas de valores, estruturas de mentalidade, instituições culturais e, talvez, qualquer coisa mais ampla: o lugar onde se situa, não apenas o espetáculo, mas, também, a realidade do tornar-se histórico da humanidade. A linguagem torna-se, nesta perspectiva, o plano mais privilegiado da investigação do mundo humano e a linguística a disciplina-piloto para todas as “ciências do homem”.¹⁰

Esta concepção se concretiza e expõe-se cinco anos mais tarde em *Sémantique Structurale*, embora Anne Hénault tivesse escrito: “esta obra, o primeiro livro de semântica depois de Bréal, foi o texto fundador da escola francesa de semiótica”¹¹. Greimas aí exclui estabelecer “uma classe autônoma das significações linguísticas, suspendendo assim a distinção entre a semântica linguística e a semiologia saussuriana” (op. cit. 1966: p. 9). Esta proposta faz de uma semântica o fundamento da semiótica. Quaisquer que sejam as línguas e os sistemas de signos, uma mesma semântica está na obra: ela é, portanto, geral, ou mais precisamente universal. Greimas jamais se afastará deste postulado, aliás, anterior à formação da linguística histórica e comparada, já que a unicidade lógica do pensamento fundava as gramáticas gerais da Idade Clássica. Greimas quando se refere à lógica, notadamente à de Reichenbach, ali sobrepõe à unicidade da percepção, referindo-se a Merleau-Ponty.

Assim, a semântica linguística, refletindo o “mundo humano”, construiria, de imediato, a semiótica? Esta tese faz supor, claramente, que a semântica exposta é, ao mesmo tempo, idêntica para todas as línguas e para todos os sistemas de signos. Esta extensão pode parecer legítima, quando lembramos que Bréal subintitulava, em 1897, sua *Sémantique*, «*Sciences des significations*» e que Greimas define, em 1978, o semioticista como aquele que estuda «os diferentes sistemas de significação e não os diferentes sistemas de signos» (cf., 2017, op. cit., p.69). Isto indica que, para ele, a semiótica é uma generalização da semântica e tem todas as características de uma semântica geral. Também intitulou sua cátedra *Sémantique générale* e não *sémiotique*.

Como, entretanto, passar da semântica à semiótica, sem passar pelo problema da semiose? Ora, se este problema constitui, como indica Saussure, o verdadeiro objeto da semiótica, a semântica não pode ser autônoma, como o atestam os críticos de Saussure a Bréal que tinham palavras severas para essas *Ausführungen* (em alemão no texto), em suma, essas introduções acadêmicas sem grande importância teórica. Com efeito, do

¹⁰ Contribuição sem título nem paginação a Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Ankara, Ankara Üniversitesi, 1961

¹¹ Na reedição da Presses Universitaires de France (1985).

ponto de vista saussuriano, a semântica seria uma disciplina transitória: seu campo não pode ser isolado, temporariamente, a não ser por razões metodológicas.

A questão da semiose não está claramente descrita em Greimas, a não ser em relação à linguagem poética. Sua concepção retoma assim, implicitamente, aquela do círculo de poética de São Petersburgo que se interessava, particularmente, pela expressão, razão pela qual fez surgir o grupo dos formalistas russos. Este ciclo explorava a tese romântica de que existe uma língua poética que poderia ser definida sem preocupar-se com o campo genérico da poesia, nem dos gêneros históricos e seu membro mais ilustre, Jakobson, sustentaria a ideia de uma função poética da linguagem.

Na introdução aos *Ensaio de semiótica poética* (1972), Greimas, formulando a tese de um paralelismo entre o conteúdo e a expressão, retoma e desenvolve aquela das *Leçons sur le son et le sens*, nas quais Jakobson extraía suas intuições em suas descrições dos paralelismos clássicos da epopeia russa, notadamente na gesta de Igor que o mantém ocupado durante décadas.

3.4 Uma semiótica paradoxal

Greimas tinha ultrapassado os cinquenta anos quando situou seu trabalho no quadro teórico (e não acadêmico) da semiótica. O projeto semiótico não está, entretanto, nitidamente exposto em *Du Sens* (1971), uma recolha de artigos que trata tanto de palavras cruzadas, como de mitos ou do mundo natural. No todo, após a *L'actualité du saussurisme*, ainda não reeditada, teria, talvez, favorecido a diversidade de leituras.

A ambiguidade da relação entre semântica e semiótica é não apenas acadêmica, mas epistemológica. Parece estar associada ao desenvolvimento do neoestruturalismo como testemunha o próprio título *Sémantique Structurale*.¹² A semiótica dos anos 1960 a testemunha e a Associação internacional de semiótica, da qual Greimas foi um dos membros fundadores, criou-se em 1969, no exato momento em que os pós-estruturalistas começam a reprovar Saussure de ter esquecido a História, o Sujeito e a Sociedade¹³. É em vista disso que personalidades como Benveniste não deixam de chamar, com razão, que o estruturalismo enquadrava-se entre duas guerras.

4. O tornar-se especulativo

¹² Greimas confiava que seria uma decisão do editor para fazer vender e repetiu em várias entrevistas— Eu jamais acreditei evidentemente.

¹³ Era triplamente falso, mesmo numa época em que se pretendia que «as estruturas não descessem às ruas», mas que a rua permanecesse uma estrutura arquitetural fortemente interessante.

4.1 O entusiasmo das profundezas

Para Greimas, o lugar eminente atribuído à semântica a deixa tão autônoma que o conteúdo pode ser estudado sem referência à expressão.

No momento em que se rompe esta qualidade em benefício do sentido, a expressão se distancia e torna-se um fenômeno longínquo de superfície e será necessário postular, ulteriormente, um complexo *percurso gerativo* para encontrá-la na sua diversidade, aquela das línguas e dos outros sistemas de signos.

Greimas pensou em soluções radicais que distanciaram o vínculo entre linguística e semiótica. Por exemplo, o quadrado semiótico (Greimas e Rastier, 1968), elaborado para descrever as oposições lexicais do francês, pode ser elevado ao padrão do modelo constitucional, fonte de todos os percursos gerativos, em todos os sistemas.

No início dos anos setenta, Greimas não é mais o único a assumir esta distensão e, em *Du Sens* ele reconcilia, implicitamente, duas correntes antitéticas, então em pleno andamento: (i) a gramática gerativa, à qual ele toma emprestada a oposição entre estruturas profundas e estruturas de superfície, religadas por uma série de transformações (que ele nomeia *conversões*); (ii) análise do discurso (de linha francesa) que relaciona profundidade enunciativa e superfície frástica através de um dinamismo abstrato que deve muito à tradição guillaumiana. A primeira é objetivista e deriva do cognitivismo ortodoxo; a segunda, subjetivista, põe em cena a antiga dualidade aristotélica entre *energia* e *ergon*, enunciação e enunciado. Seu freudo-marxismo reivindicado lhe permite, por outro lado, conciliar subjetivismo e sociologismo, uma vez que a enunciação através de um sujeito singular reflete, no enunciado, suas posições de classe. Estas duas escolas linguísticas se encontraram, todavia, para julgar a linguística histórica e comparativa que é vista como ultrapassada, assim como o projeto saussuriano cuja epistemologia a reflete e funda sua metodologia.

Enquanto que o percurso gerativo foi abandonado, a enunciação permanece o conceito chave da escola greimasiana que lhe permite, atualmente, avizinhar-se da análise do discurso nos estudos de comunicação.

4.2 O que é o nível semiótico:

Segundo Greimas, “um nível semiótico comum é, portanto, distinto do nível linguístico estando logicamente anterior a este, qualquer que seja a língua escolhida para a manifestação”¹⁴. Este nível transcendental lembra, fortemente, aquele da

¹⁴ *Éléments d'une grammaire narrative*, in *Du sens*, Paris, Seuil, 1970, p. 158

gramática lógica de Husserl, bem como o de Reichenbach (referência constante de Greimas). Ele se torna o lugar do sujeito semiótico provido de paixões, que preside a enunciação e, por sua universalidade, põe em relevo, então, a antropologia filosófica. O retorno à situação pré-saussuriana, na qual a semiótica era um cantão da filosofia, consagrado à expressão das ideias (como em Locke), enfim, outro nome da lógica, acompanha, assim, a reintrodução do Sujeito transcendental.

A reconstituição do Sujeito semiótico, origem e substrato do percurso gerativo e lugar de uma fenomenologia idiomática foi bem aceita e dominou as décadas de setenta e oitenta. Permeado de categorias (semióticas) *a priori*, o sujeito semiótico, como o sujeito da idade clássica, viu-se dotado de “paixões” que foram até 1991 (*Semiótica das paixões*) objeto de discussões inevitavelmente apaixonadas.

A diferenciação entre linguística e semiótica parecia consumida desde 1983, quando Kurt Baldinger, semanticista romântico, pergunta, meio ingenuamente, numa revisão do opúsculo de Greimas intitulado *De la colère*, se esta “cólera” que Greimas definia ao referir-se ao Petit Robert, tinha alguma ligação com o francês *colère* ou com o alemão *Zorn*. Como, segundo Greimas, o conceito assim elaborado relevava a semiótica das paixões e não a semiótica do francês, a questão de Baldinger não recebeu resposta.

O nível semiótico é, tão somente, preenchido por indefinições primitivas e pelas relações tipificadas, definidas por uma lógica *sui generis*. Ele é construído por uma imagem axiomática, mas não formal e, aparentemente, sem assegurar o poder calculatório.

O espaço entre nível semiótico e linguagem, entre estruturas profundas e de superfície será preenchido por uma metalinguagem. A cada nível semiótico de profundidade, corresponde um de seus dialetos e as transcódificações entre seus dialetos uma geratividade e dão conta das etapas da enunciação.

A metalinguagem se confunde, assim, com o objeto científico e, sem dúvida, com o objeto do desejo. A geração do objeto empírico é concebida como uma série de transcódificações ou conversões entre subpartes, níveis e até mesmo dialetos da metalinguagem. A linguagem, então, parece tornar-se o «nível de superfície» da metalinguagem.

Greimas evocava, em 1971, “esta lógica linguística específica que meus colaboradores e eu estamos tentando criar e que poderia exercer uma função parecida com aquela realizada, por exemplo, pelos matemáticos, nas ciências naturais” (2017, op.

cit., p. 51, ver, também, p. 39). E ele continuou em 1985: “Meu objetivo foi, sempre, contribuir para a fundação das ciências sociais que não chegam nunca a desembaraçar-se de suas línguas”. Para tanto, é necessária a tentativa de criar uma metalinguagem coerente, construir um edifício teórico (ibid., p. 32).

No entanto, a metalinguagem lógico-semântica não pode ter nenhuma autonomia em relação às matemáticas avançadas, dos sistemas dinâmicos ao probabilismo bayesiano parcialmente implantado em softwares que praticam o teste de gap reduzido: toda a obra de Jean Petitot o demonstra.

Enfim, o próprio conceito de metalinguagem, oriundo da logística russeliana e, embora revisado por Hjelmslev não saberia conciliar-se com a linguagem fenomenológica que Greimas adota para evocar o sujeito semiótico à obra no percurso gerativo.

Em suma, Greimas combinou, até mesmo justapôs, duas abordagens antagônicas¹⁵: o estruturalismo (Saussure, Helmslev, Lévi-Straus), que tenciona ao ponto de vista científico, um desejo formalista, de que são testemunhos os numerosos empréstimos tomados a Reichenbach e à filosofia da vida (Dilthey, Merleau-Ponty, e mesmo Heidegger que deixava transparecer em oposições como ônticas vs. ontológicas, como no próprio inventário das paixões, que se assemelham fortemente aos existencialistas de *Sein und Zeit*: por exemplo, «l'inquétude» em *Semiótica das paixões*, traduz *Sorge*. Greimas deve, verdadeiramente, muitas de suas contradições irresolutas a Husserl, desde a recusa da expressão na primeira Pesquisa lógica até o “mundo natural” que em *Du Sens* apela, fortemente, para o *Lebenswelt* da *Krisis*. Sua relação com a tradição ontológica, portanto, recusada por Saussure e Helmslev, permanece, por outro lado, ambígua¹⁶.

Por suas contradições informuladas e irresolutas, Greimas abria dois caminhos de interpretação para suas próprias pesquisas “objetival-estruturalista” e “subjetival fenomenológica” cujos sustentáculos foram confrontados em meados dos anos 1980. Se, então, ele publicamente tomou partido pelo primeiro caminho, entretanto, prosseguiu no segundo com *De l'imperfection*, depois com a *Semiótica das Paixões* e teoria das “formas de vida” que pertencem à tradição da *Lebensphilosophie*.

¹⁵ Amante dos paradoxos, Greimas gostava da unidade dos opostos. Assim, entre seus primeiros inspiradores na política e na filosofia, ele cita, no mesmo nível, Oswald Spengler, que durante um século tornou-se um ícone da extrema direita e dos declinantes, e o próprio Leon Trostki (ver 2017, op. cit., 19).

¹⁶ Por exemplo, ele apresentava sempre como seu «mestre» Charles Singevin espécie de filósofo neoplatônico possivelmente exotérico, autor de *Essai sur l'Un*, que discute a ontologia heideggeriana.

5- Reflexões conciliatórias.

O percurso dos autores, grandes ou pequenos, torna, quase sempre nostálgico, o objeto de retrospectivas, muitas vezes, comoventes que deturpam a atenção do fazer científico: cinquenta anos após a formação da Associação Internacional de Semiótica, quais são as perspectivas desta disciplina, suas conquistas e as descobertas que ela pode, reivindicar, as novas observáveis? Em que domínios ela se impõe? Quais são seus programas de pesquisa específicos? Poderia ela pretender o estatuto de uma ciência? Eu ignoro se ela esta ambição, os semioticistas permanecem divididos sob este ponto pelo menos, quando a ele dão alguma importância.

5.1 – Reconquistar a expressão.

Se, entre os semioticista, as referências à linguística tornaram-se raras, a questão teórica das relações entre semiótica e linguística permanece aberta.

Na tradição inovadora que vai de Saussure a Hjelmslev, os dois planos da linguagem são inseparáveis: a dualidade entre conteúdo e expressão é tal que constitui a mesma realidade apreendida através de dois pontos de vista diferentes. Este fenômeno fundamental da semiose legitima, por exemplo, o teste de comunicação e, além disso, a própria definição das grandezas elementares (fonemas, semas, morfemas).

Todavia, na semiótica gremasiana, a semiose foi negligenciada, até mesmo, perdida dentro de um espaço fenomenológico, parece dever mais a Husserl que Greimas jamais menciona, senão a Merleau-Ponty. Husserl considera que o significar (*bedeuten*) define-se, unicamente, pela vista pura (*vermeinen*) do seu objeto. Ele é independente da língua e “coloca em jogo a relação especulativa entre a intenção de significação” e “o preenchimento da significação”. A expressão é, então, completamente absorvida, neste fluxo puramente ideal, independente dos signos e das palavras enquanto tais¹⁷. Foi por esta razão que Husserl pode afirmar: “A não existência da palavra não nos incomoda (pois) qualquer que seja a função da expressão¹⁸”, a palavra proferida não tem o mérito de chamar-se expressão porque ela coincide com o significar. Daí, Husserl pode

¹⁷ Cf. Pierre Caussat, *Variations philosophiques et sémiotiques autour du langage*, Louvain-la-Neuve, Academia, 2016, p. 309.

¹⁸ « *Expression et signification* », *Recherches logiques*, Paris, PUF, 1961, 1e partie, pp. 29-123, ici p. 43.

concluir que “a camada da expressão (...) não é produtiva”¹⁹. “Sua produtividade não se esgota no exprimir e na forma do conceito que vem investi-la” (*ibid*)²⁰.

Fundando a semiótica sobre uma teoria do sentido e não da semiose, Greimas separa-se, paradoxalmente, do saussurianismo que ele reclama para si e nada nele contesta este direito. Fazendo isto, ele se priva de poder caracterizar as especificidades de cada sistema semiótico que sustentam, precisamente, em seus modos de acasalamento entre expressão e conteúdo, ou mais simplesmente, em suas capacidades expressivas.

Com efeito, a perspectiva gerativa que sempre põe o sentido *in nuce*, representado por diversas estruturas profundas como um termo *a quo*, conduz, inevitavelmente, a negligenciar a expressão. A postura gerativa foi uma constante da filosofia da linguagem, das gramáticas gerais da idade clássica até Chomsky, para a filosofia “formal,” ou Guillaume e Culioli, para uma filosofia enunciativa que deve muito à fenomenologia em todas as suas variantes, de Bergson a Husserl. Ela comanda o empírico pelo transcendental.

Nada como isso para Saussure, para quem, nenhuma profundidade está dada: Somente a investigação determina as unidades. Sua própria concepção hermenêutica da língua e do método científico o conduz a privilegiar os pontos de vista, articulados em dualidades. Os *Écrits de linguistique générale* permitiram grandes clarificações. Notadamente, pode-se apoiar, com firmeza, nos princípios saussurianos para uma “reconquista” da expressão.

Não é surpreendente, então, que a semântica diferencial seja, desde o início, uma semiótica (já que a significação se articula sobre a expressão, da qual é indissolúvel) – nem que a interpretação permita atualizar, mais precisamente, constituir os traços semânticos que não preexistem ao percurso interpretativo dos quais eles resultam.

Enfim, o paradoxo da “semiologia”, termo problemático, é ter despojado a semiótica daquilo que ela poderia ter de linguística e ter considerado a expressão (confundida com o nível linguístico) como uma variável superficial: o poder descritivo da semiótica universal parecia adquirido ao preço de recusar o princípio de base do saussurianismo que é a solidariedade entre conteúdo e expressão.

¹⁹ *Idées directrices pour une phénoménologie* tr. P. Ricoeur, Paris, Gallimard, 1959, p. 421.

²⁰ Isto mantém um dualismo que Cassirer superou, desde 1923 no primeiro tomo de sua *Philosophie des formes symboliques*, gesto ultimamente renovado em seu artigo de 1945 em *Word* sobre o estruturalismo em linguística.

Ela restaura, então, um dualismo tradicional entre inteligível e sensível, profundidade semântica e superfície expressiva que fazia a relação comum entre pensamento e linguagem ou, antes, a tentativa de religar ambas as mediações por um percurso gerativo abstrato, depois das evoluções fenomenológicas ou psicanalíticas que procuram mediações na percepção ou dentro de um *Corpo* absolutizado, como outrora um Espírito absoluto.

Uma semântica que se desejasse independente, ou mesmo, simplesmente autônoma no que diz respeito a expressão reconduziria ao dualismo matéria/espírito que sempre diferiu da formação de uma semântica linguística e justifica, ainda, o universalismo etnocêntrico da semântica cognitiva.

Paradoxalmente, a semiótica greimasiana se fundamenta, assim, como uma semântica universal, transcendente aos diversos sistemas de signos. Ora, a semiótica não saberia se fundamentar na semântica. Como o sentido não pode ser apreendido senão pela expressão é a semiose que constitui, apropriadamente, o objeto da semiótica.

5.2 Parar um *damnatio*²¹

O estatuto da linguística parece estar estabelecido em um ponto cego da semiótica. Para alguns líderes da corrente peirciana como Sebeok, membro fundador e, recentemente, presidente da associação internacional de semiótica, os linguistas são os *dung beetles*. Qualificando, assim, estes colegas, ele não evocava os hieráticos escaravelhos reais, mas insetos duvidosos coprófagos.

Por sua vez, dentro da corrente saussureana da qual ele se diz pertencer, Greimas rompeu, de fato, com a linguística: não na sua prática, pois continuou uma obra lexicográfica, seja sobre o vocabulário da semiótica ou, ainda, sobre o léxico do Antigo e Médio francês, mas na sua teoria, para a qual, a diversidade das línguas não é, senão, um epifenômeno. Além do mais, a linguística não tinha sido reconhecida como uma semiótica das línguas — e a semiótica tomou por domínio de predileção o visual, e mais geralmente o não-linguístico (o design, as mídias, etc).

A linguística tem, portanto, o seu lugar completo, ao lado de outras semióticas regionais, como a semiótica das imagens ou da música. Eu não vejo nenhuma necessidade para arquitetar uma semiótica das línguas ou uma semiolinguística que seria outra coisa além da linguística, uma semiótica das imagens que não se confunda

²¹ "Condenação da Memória", no sentido de remover a lembrança de algo ou alguém. NdT.

com a iconologia, uma semiótica das músicas, independente da musicologia: esta seria a fonte de nefastas confusões.

Enfim, as contradições de Greimas refletem, talvez, dualidade que foram compreendidas erroneamente como contradições, mas para esclarecê-las, faltam linguistas semioticista e semioticistas linguistas.

A nós (cabe) reconciliar não apenas o Greimas tardio com sua juventude, mas a semiótica com a linguística de que ela deriva, como (também) com outras ciências da cultura: por uma concepção federativa da semiótica, a semiótica da imagem, por exemplo, é uma parte da iconologia, a sociosemiótica, uma parte da sociologia, etc.

5.3 Para uma agenda.

As variações entre seus escritos manifestam que Greimas nos legou um pensamento mais do que uma doutrina, em suma, contradições e questões. Ele parece ou superar as contradições, mas sem problematizá-las de maneira crítica, carregando vários empreendimentos de formas paralelas. Talvez, as contradições de Greimas tivessem dado ensejo a que cada um pudesse se reencontrar pouco ou muito nele. Um quarto de século decorreu desde seu falecimento, mas, apesar do resultado de sua obra estar apenas esboçado, ela constitui uma fonte de inspiração múltipla para prefigurar os decênios futuros.

A semiótica não pode se contentar em comentar as mídias. É necessário reafirmar sua ambição científica e reorientar-se em direção a uma melhor objetivação, pela produção e interpretação de novas observáveis, como pelo recurso à instrumentação científica, quer seja no âmbito disciplinar das humanidades numéricas ou de uma semiótica de *corpus*. Uma disciplina que não tivesse condições de confirmar hipóteses estaria condenada ao bel prazer. Sintetizando propostas esparsas em trabalhos recentes²², eu desejaria, portanto, para concluir (ou melhor, para não concluir), esboçar uma problemática.

1/ Embora a distinção entre canais sensoriais se apoiasse no ponto de vista empirista tradicional, ela foi largamente relativizada pelas descobertas das neurociências sobre novos sentidos, notadamente os três sentidos ligados ao movimento, sobre a interação constante dos sentidos (como entre visão e movimento), enfim sobre as

²² *La Mesure et le grain, sémantique de corpus*, Paris, Champion, 2011 ; *Créer : image, langage, virtuel*, Paris-Madrid, Casimiro, 2016 ; *Faire sens — De la cognition à la culture*, Paris, Classiques Garnier, sous presse ; « *Computer-Assisted Interpretation of Semiotic Corpora* », in Dario Compagno, éd., *Quantitative Semiotic Analysis*, Berlin, Springer, 2018.

sinestésias. Toda forma ou instituição simbólica mobiliza vários “canais”: por exemplo, a linguagem requer o movimento, o ouvido (do locutor, como do auditor), a visão (quer se trate de gestos associados, ou ainda do escrito) até mesmo do tocar (no caso do Braille).

2/ A divisão acadêmica entre linguística e semiótica não exclui nenhuma refundação semiótica da linguística para recusar e ultrapassar a semiótica rudimentar que presidiu outrora a criação do paralelismo lógico-gramatical. Uma semiótica das línguas se impõe para qualificar melhor os diversos tipos de signos (discretos como os morfemas, ou contínuos como as entonações), assim como os sinais associados gestos faciais e orais, mas também grafemas, sequências de caracteres, pontuemas, silabogramas, ideogramas (como emojis), e também quebras, gorduras, espaços, tags html, etc. Em suma, longe de estar reduzido o cenário em movimento de uma competência sintática, o uso de uma língua mobiliza vários tipos de signos e vários sistemas em interação, por exemplo: os fatores de entonação podem ser interpretados pelos animais ou crianças em tenra idade.

3/ Fora das linguagens formais, a existência de semióticas “puras” é duvidosa. O que chamamos confusamente de multimídia constitui a regra, não apenas nas performances complexas como a ópera e o cinema, mas para o gesto em relação ao oral ou à tipografia para o escrito. Por exemplo, uma prática polissemiótica como o canto parece gozar de um alcance antropológico que faria o universal da linguagem se os linguistas decidissem ocupar-se dela.

4/ Além da narratividade, a linguística do *corpus* confirma a necessidade de definir as unidades que escapam da ontologia lógico-gramatical. O estudo da textualidade conduz à definição das unidades difusas, como as isotopias, ou que correspondam às zonas de localidade como a *passagem*.

5/ No cerne do estruturalismo que presidiu a edificação das ciências da cultura, a tradição lógico-gramatical privilegiou as estruturas feitas (ou construídas) por polos definidos, religados por relações tipificadas. Pelo contrário, a reflexão morfológica privilegiou a continuidade, considerando que o descontínuo é, tão somente, um caso particular daquele. À dualidade entre elementos e relações, ela preferiu distinções entre pontos singulares e pontos regulares, ou ainda, entre colos e recipientes de atração. Uma teoria das formas e dos fundos semióticos se impõe para dar conta de sua criação, evolução e desaparecimento.

6/ As diversas semióticas estão na obra em práticas sociais diferenciadas que põem em jogo representações individuais e coletivas, assim como interações físicas. Entre esses dois níveis, a mediação semiótica exerce uma atividade própria em relação à diversificação das práticas próprias à humanidade.

7/ Uma plena compreensão das instituições simbólicas²³ supõe a descrição de seus modelos de interação e de coevolução. Uma cultura pode ser descrita, não apenas pela interação específica das instituições simbólicas no seu interior, mas o deve ser por outro lado, por suas interações constantes com as outras culturas. Assim, as ciências da cultura permitem, elas próprias, reconstruir racionalmente o conceito de humanidade.

N.B. Cette étude a fait l'objet de la conférence inaugurale du colloque international *Greimas aujourd'hui, l'avenir de la structure*, tenu à Paris, dans les locaux de l'UNESCO, du 30 mai au 2 juin 2017.

La bibliographie de Greimas a été publiée dans Tom F. Broden (2017) «Vie et œuvre d'A. J. Greimas (1917-1992)», *Texto! Textes et Cultures*, Volume XXII - n°3 (2017). En ligne : <http://www.revue-texto.net/index.php?id=3892>.

²³ Saussure considera que a língua é uma instituição única no gênero; Cassirer fez uma «forma simbólica» entre outras, como o mito, a arte, o direito. A expressão *forma simbólica* pode estabelecer confusão, assim, nós preferimos falar de *instituições simbólicas*.